



HORSES

**AGNALDO DE ASSIS
NASCIMENTO**

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2019



Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO: França & Gorj

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA: Karina Tenório

REVISÃO: Daniel Zanella e Marcos Vinícius Almeida

IMAGEM DA CAPA: depositphotos.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B277p DE ASSIS NASCIMENTO, Agnaldo. 1988 –.
Horses / Agnaldo de Assis Nascimento – Guaratinguetá, SP:
Penalux, 2019.

426 p.: 23 cm.

ISBN: 978-85-5833-523-2

1. Romance I. Título.

CDD: B869.93

Índice sistemático:

1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

P A R T E U M

F Ú R I A - C A L M A



PORQUE UMA COLINA de escombros nunca acontece duas vezes, salvo em zonas de guerra. O que não era o caso. Era por isso que Helter estava ali, de pé e no alto, costas ossudas, excesso de fúria-calma esculpindo o rosto. Ter que dar conta, dar conta disso tudo. Ter que dar cor e febre aos miolos em busca de... de quê mesmo? Ah, sim, revolver o de dentro: trastes, entulho, detritos.

Procurar *aquilo* que acreditava ser O Verbo.

E do alto dos seus dezessete-verões-fodidos-e-meio, acrescidos de um R.G falso, Helter sabia que arrotar os estilhaços de sua dieta adolescente (Cheetos & Heineken, desde as dez da manhã), não constituía cimento para O Verbo.

Nem atingir o topo daquele Himalaia de entulho, aço retorcido, poeira e pedrinhas deslizantes no fundo do galpão abandonado. Muito menos sentir a batida certa de *Cretin Hop* impressa na nuca, enquanto arrastava colina acima, em *modus ofegantis*, os restos de seu pulmão.

De-fi-ni-ti-va-men-te não.

Nem sonhando que aquilo poderia ser O Verbo.

No princípio nem havia

Um.

A montanha de escombros lhe permitiu uma visão panorâmica do galpão. Buscou uma cerveja no fundo da mochila; peso ancorado ao ombro direito, coluna torta.

Se despedir do melhor amigo Raduan em meio à poeira azulada. Absurdo. Como todas aquelas ocupações artísticas espocando em prédios inóspitos e condenados. As farpas do dia dardejando luz nos buracos

e vãos destelhados, tudo doendo pra caralho nos olhos, barulho, muito barulho, show de rock, adolescentes desocupados ocupando artisticamente o vazio político antes que implosões e empreendimentos imobiliários brotassem do solo. Talvez ele juntasse um pouco daquela poeira sagrada e enfiasse no bolso do jeans, o mesmo reservado aos Lucky Strikes & outras saídas de emergência.

Fazer o inventário mental dos pequenos gestos que constituem o ato de levar o cigarro à boca; quem sabe num desses gestos; quem sabe nesse jeito gorduroso de enxergar a vida, quem sabe brote daí, de repente, quem sabe, um jeito diferente de tocar a raiz d'O Verbo; quem sabe quem sabe quem sabe... ou simplesmente: merda nenhuma; apenas distrações, é preciso fumar, completar o gesto que foi ensaiado; é meio que tarde; a velha fome se alastrou nas vigas do corpo; Kundalini eletrificada por orgasmos de nicotina,

ter um corpo animal, se abrindo em flor, cansa;

um puta trabalho;

primitivo, sim, sou inteiro... da cabeça aos pés, passando pela coluna detonada... que se há de fazer... talvez por isso a coisa não esteja fluindo bem, certamente... isso de não ter em mãos O Verbo, isso de espelhar apenas silêncios, isso de jogar fumaça de cigarro na cara dos outros quando me pedem respostas... silêncio bruto e ossudo... esse que sempre foi a minha marca no mundo... totem vigiando a tarde atormentada por pensamentos rarefeitos

e merda de pombo.

Lá embaixo, nas entranhas do galpão, uma banda punk vomitava Eternos e Surrados covers de Ramones, palco-pallet improvisado, cloacas de musgo na madeira apodrecida. Toda vez que alguém tentava dançar lá embaixo, um cobertor de poeira subia, libertando pesadelos de coriza. Sujeira colada na pele do ar.

Hum,

a ironia que há nisso: subir montanhas em busca do que dizer ao invés do que calar; um sábio às avessas de All Star furado e pulmão foddido; tudo isso por causa duma despedida que vai meio que exigir todo o meu cimento de Verbo; é por isso que venho pintando os meus miolos com cores febris, sim, eu tô tentando encontrar o que dizer pro Raduan antes que ele parta; e pelo cheiro profético, pelo baixo paganismo que marca a nossa amizade,

eu sei,
sinto,
fungo

que ele logo vai se materializar aqui, bem diante da minha fuça marcada por acne, sol em declínio, navalha embaixo da língua, sim, esse parece ser o ponto mais alto da implosão do dia;

é sempre um rastro de incêndio o que paira no ar da nossa amizade, basta lembrar, retroceder ao primeiro dia:

guimba de cigarro mal apagada, a lata de lixo da escola, fumaça, estalos, labaredas no teto, copinhos descartáveis retorcidos, resto de refrigerante pós-intervalo borbulhando, o mascote esdrúxulo do salgadinho Fofura com metade da cara carbonizada; nas janelas das salas de aula uma cascata de aplausos papel-picava gritos antes que professores batessem réguas na mesa, uma ordem impossível, caneta dourada da diretora Sandra, um quadro de Nossa Senhora de Aparecida atrás da cadeira dela, fitinhas coloridas no porta-canetas, Helter, eu entendo que você esteja passando por um período difícil por conta da morte da sua mãe;

ela e a mãe: inseparáveis, estudantis; flertaram juntas com o meu pai na adolescência, se odiaram juntas; açucarar a rivalidade, coisa delas (todas?); o meu velho pegando a discórdia no ar:

comia, casava, comia, casava,
as pétalas meio que chegando ao fim,
comia, casava, comia...

Sandra-comida-e-não-casada assinando a suspensão, caneta dourada, praxe-vingança;

você tem os olhos da sua mãe, comentário por trás dos óculos de oncinha, ela deve estar muito triste com você, onde estiver;

 a mãe, sete palmos de terra, nunca vai poder reclamar as merdas que eu; caneta dourada suspensa no ar, assinatura interrompida, cara de horror, não seja insolente, menino, ou te expulso de uma vez; os passos pra fora da sala da diretora, o papel encanudado da suspensão, um diploma de incendiário, há distinções e *distinções*, parece;

 dei de cara, pela primeira vez, com o Raduan, testa-vermelho-pegajosa, alguns hematomas no lado esquerdo daquilo que ele chamava de cara, um fedor de briga e sol e lama orbitando ele todo,

 primeiros sinais de terra e primeiros tons de deboche; ó o incendiário, zombou o Raduan, colarinho coberto de suor e surra; a voz aguda de Sandra trincando nossos ouvidos, um nome cheio de arabescos, o dele, sendo gritado de dentro da gruta-sala dela,

 daquele dia em diante tudo ficou mais claro; a diferença entre nossas insignificantes existências é que eu meio que só provoquei um pseudo-incêndio de lata de lixo; já o Raduan, é todo prestes a.

Helter avistou Mikael se aproximando morro acima. Também vinha se despedir do Raduan; lançou a tralha pesada do corpo por cima duma prancha de madeira que deve ter sido a escrivaninha de alguma secretária chamada Arlete.

 Aranhas de sol e sombra brincavam na ferrugem-cara do Mikael.

 Um anel de latinha de cerveja se perdeu no meio do entulho.

 Helter deu as costas para a visão etérea do garoto e olhou pra baixo.

 O sol, agora uma gargalhada fria.

 Fábrica-arqueológica. Suor anterior. Pais, tios e irmãos mais velhos, de todos os bairros. Paredes engorduradas. O suor que eles.

Não é tinta isso que você arranca com as unhas, filho.

 O peso da mochila fez com que Helter a deslizesse do ombro até o chão.

 O negócio é botar os dois pés dentro da barcaça da tarde, engolir essa banda-cover-de-abertura, esse one-two-three-four insosso; mais tar-

de, se não houver a intervenção (nada artística) dos porcos fardados, vão rolar dois shows históricos.

Helter viu que os integrantes iguepopeanos da “Maria Não Vai Com As Outras” e os performers pró-zapatistas da “Marcos É Gay Em San Francisco” já circulavam lá embaixo, em meio ao purê de teenage angst. Riu daquela moda de batizar bandas com nome de gente fazendo algo-que-soasse-descolado-e/ou-revolucionário.

Etcetera.

Acendeu um Lucky Strike de filtro vermelho. Teve que formar uma espécie de abrigo côncavo com o corpo e com as costas ossudas das mãos. O vento faminto de outono sempre tentava abocanhar a chama dos isqueiros. O Mikael-ferrugem sentado, parecendo um urso búdico numa tentativa suada de posição de lótus. Por trás e acima dos ombros dele, letreiro apagado do motel no terreno vizinho, vibração em vermelho alcaçuz. Helter esmagou uma bituca contra a tábua partida no chão. Ficou pensando que dava pra pular do topo de escombros até a cobertura do motel, ficar embaixo do letreiro, ser banhado pelo neon, essas coisas. Aquilo sim seria a paz. Não ter que pensar o Verbo.

Ele vem mesmo?

Quem?

O Raduan!

Já, já. Acontece que o cara sempre atrasa. Você acabou com o pacote de Ruffles todo, Mikael?

Sim, mas isso já faz duas cervejas e meia.

Por falar nisso, toma mais uma. Elas estão meio que esquentando aqui dentro da mochila.

Não (careta). Mais um gole e eu morro afogado (aroto).

Hum. E como anda essa sua preocupaçãozinha excessiva com dona morte?

Na mesma.

Este livro foi composto em Adobe Garamond Pro
pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen soft 80 g/m², em maio de 2019.
